

DA ASSISTÊNCIA E PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO EM BELLO HORIZONTE: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO HÁBITO EM UMA NOVA CIDADE

Sílvio Ricardo da Silva¹
Georgino Jorge de Souza Neto²

RESUMO: O presente artigo trata do processo de construção do “torcer” na cidade de Belo Horizonte, nos primeiros anos de futebol na recém-criada capital mineira (1904 a 1915). Como parte integrante de uma investigação de Mestrado, o texto concentrou-se nas primeiras manifestações da prática do futebol na cidade de Belo Horizonte, tentando localizar referências da assistência. Por conter características do processo de consolidação do esporte e do lazer na cidade, o artigo abarcou justamente o tempo que vai do advento do esporte bretão à sua afirmação, tanto como prática física quanto prática de divertimento posto notadamente na platéia. Afirmação esta marcada pela fundação da Liga Mineira de Sports Athleticos e de um campeonato mais consistente e organizado. Neste período também foi possível perceber um movimento de transição, entre uma platéia distintiva e fidalga, sem características marcantes de um pertencimento clubístico, para um momento onde o entorno dos “grounds” começa a ser habitado por um número maior de pessoas, que principiam um comportamento diferenciado, demarcado pela crescente admiração aos clubes de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: assistência; pertencimento clubístico; futebol e torcer.

ABSTRACT: The present article discusses the steps towards the construction of a “football supporting” feeling on the first years (1904 – 1915) of this sport in the brand-new capital of Minas Gerais, Belo Horizonte. In this way, the article focuses on the first real expressions of football in the city, searching for references on its spectators, its audience. Bearing in mind that the article contains the characteristics of the process of consolidation related to sport and leisure in Belo Horizonte, the study concentrated on the time span from when the British sport was invented until its assertion – considering both physical and entertaining activities displayed to the audience. Such assertion is clearly perceived by the foundation of Liga Mineira de Sports Athleticos as well as a consistent and well organized championship. During

¹ Professor do Curso de Educação Física na UFMG

² Professor do Curso de Educação Física na UNIMONTES

this moment, it is also possible to notice the transition from an illustrious and aristocratic audience – with no feelings of belonging to sports clubs – to a higher number of people that started to behave differently – showing increasing admiration towards football clubs.

KEYWORDS: assistance; club affinity; football and supporting.

Foi em um ambiente emblemático e singular que o esporte e o divertimento ocuparam uma demanda social específica atrelada às novas exigências da recém criada capital do Estado de Minas Gerais. Neste sentido, o futebol, quer como prática, quer como fruição, revestiu-se de significativa importância na dinâmica da nova cidade. Segundo a pesquisadora Marilita Rodrigues (2006. p. 240), “as atividades físicas esportivas simbolizavam, tanto aqui como na Europa, um lazer civilizado”. Um relato da época expressava a forma intensa com que a prática do futebol penetrou na capital mineira:

Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo dessa novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos sportmen e gentis sportwomen. Prestou-se graciosamente a servir de referee o sr. Capitão Haas, que se conservou durante toda a partida perfeitamente imparcial e attento, o que grandemente contribuiu para o bom resultado della. Venceu ainda desta vez o team do Sr. Victor Serpa por 2 gols a 1, apesar do denodo e do brilho com que se bateu o do dr. Oscar Americano. Os pontos foram marcados para os vencedores, pelos srs. José Mariano de Sales e Victor Serpa e para os vencidos pelo sr. Joaquim Brasil. A lucta esteve sempre animadíssima, o que demonstra que o popular sport está finalmente para sempre implantado em nosso áureo Estado.³

A constituição de novos hábitos, em uma cidade planejada e construída sob o ideário da modernidade, perpassa pela necessária compreensão da tensão estabelecida entre o embate de práticas sociais originais em um espaço ocupado por sujeitos educados em meio a valores tradicionais e conservadores. Neste aspecto, em particular, a historiadora Letícia Julião esclarece:

[...] Obviamente, uma transformação tão radical no modo de vida não ocorreu, em Belo Horizonte, como um passe de mágica. Só lentamente as elites mineiras se adaptaram àquele novo cenário urbano e adquiriram

³ SPORT Club. *Minas Geraes*. Belo Horizonte, p. 6, 04 out. 1904.

novos hábitos, vencendo suas resistências e desajustes. [...] Mas, apesar das impressões de abandono ou provincianismo, não se pode deixar de admitir que o cenário urbano acabou por inspirar um modo de vida moderno na capital. Processo que, aliás, alimentou-se, justamente, dessas forças ambíguas e paradoxais, originando uma sociabilidade repleta de hibridismos. O desejo pelo novo articulava-se com o apego ao velho, assim como o cosmopolitismo com hábitos e valores tradicionais. Isso sem falar que a capital, ao mesmo tempo que oferecia espaços adequados e atraentes para o convívio público, contraditoriamente inibia, com sua “geografia” segregacionista e disciplinadora, a interação entre os indivíduos.⁴

Na construção de seu trabalho de doutoramento, Tarcísio Mauro Vago aponta a relação original que deveria estabelecer-se entre a nova cidade e os velhos corpos que nela habitavam. Assim, descreve:

Como a própria cidade, o corpo que nela se movimentaria foi também um lugar para se implantar o ideário republicano. Praticar a cidade, transitar por ela, vivenciá-la corporalmente, isto é, provar a cidade com o corpo, isso era já uma forma – e uma fôrma – de fazer o corpo se impregnar de racionalidade, da higiene, da assepsia, da civilidade desejada, uma forma de constituir o corpo pretendido para o cidadão republicano. (VAGO, 2002, p. 34).

Dentre o rol de transformações que a inauguração da pretensa cidade moderna promovia, estava o surgimento de um espaço favorável à apropriação do esporte. Nas memórias de Paulo Mendes Campos (1962, p.73), “a mudança da Capital foi muito proveitosa quanto aos esportes, pois Ouro Preto não se harmonizava bem com outras práticas atléticas além do truco, a cachaça e o violão”.

Desta forma, poder-se-ia dizer, pelas palavras do escritor mineiro Martins de Almeida, que “ao poder dispersivo da existência rural com sua falta absoluta de densidade demográfica, a nossa capital opõe a sua grande força de expansão urbana”. E mineiramente conclui: “e vai espichando um largo raio civilizador até as zonas mais distanciadas do Estado mineiro” (ALMEIDA, 1926).

⁴ JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 66, 67. p. 49-118.

Esses novos modos de viver a vida se davam em múltiplos espectros da dinâmica social, mas é notadamente no tempo destinado à vivência das festas e diversões que o “moderno” vai se estabelecendo. Convém apontar uma compreensão da modernidade que pretendemos demarcar ao longo da narrativa; assim, é necessário indicar que:

A modernidade é aqui pensada como uma “consciência moderna”, resultante e estruturante de uma nova política, de uma nova estética, de uma nova ética. Mais que transformações das bases materiais das sociedades, é uma espécie de projeto utópico em que o trabalho, a ordem, o tempo e o espaço, transformados por novos saberes, novas tecnologias e uma nova ordem normativa, produziram o homem moderno. (BARROS, 2001, p. 23).

Se estudos que abordam a história do futebol na capital mineira, como os de Raphael Rajão Ribeiro (2007) e Marilita Rodrigues (2006), apontam na direção de uma apropriação desta prática esportiva nos seus primeiros anos pela elite social e econômica da cidade, as fontes nos indicam que é também essa mesma elite que se incorpora do hábito da assistência. No cenário das partidas de futebol passava a ser cada vez mais comum a ocorrência de um público assistente, inicialmente constituído sem nenhuma vinculação afetiva com um ou outro clube de futebol.

Em um campeonato organizado ainda em 1904, era possível perceber que as pessoas iam a campo não para torcer por um determinado time, mas sim para se situar em uma importante posição social: a dos *sportmen* e *sportwomen*, que tinham como marca indelével o amor ao esporte, notadamente o futebol. Na partida entre o *Plinio Foot-Ball Club* e o *Sport Club Foot-Ball*, a nota do *Minas Geraes* assim chamava a atenção dos leitores: “Hoje os amadores do Foot-Ball⁵ vão ter ensejo de apreciar um bem organizado *match* entre os *clubs* Plinio e Sport. Dada a força de ambos os contendores, a partida de hoje vai ser interessante e muito disputada. [...]”⁶. Nota-se que a ênfase estava em “amar” o futebol, e não necessariamente um clube. A assistência se efetivava, assim, como um importante espaço público de convivência, reverberando a constituição de um modo de vida “smart”⁷, exigência imprescindível para a penetração no seio de uma nova ordem social.

⁵ Grifo nosso.

⁶ MINAS Geraes. Seção Festas e Diversões, p. 3-27 out. 1904.

⁷ Aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e

Refletir um estilo de vida alinhado com uma fremente e inédita possibilidade, habitada na modernidade, seduzia (e induzia) às pessoas imersas na cultura urbana da nova cidade. O esporte se constituiu no propício espaço para o desenvolvimento de novas condutas, a apropriação de novos hábitos, inspirados em uma realidade vivenciada nas principais cidades européias, sobretudo Paris. Este debate é instigado pelo pesquisador Gilmar Mascarenhas de Jesus, ao afirmar:

Não podemos deixar de frisar o caráter elitista que todo esse movimento assumiu inicialmente: a imposição de uma nova atitude corporal, através da assimilação de esportes importados, se inseriu plenamente no projeto *civilizador* da classe dominante, refletindo a intolerância de nossa *Belle Époque* para com a cultura popular, e não apenas para com o passado colonial. Índios, ciganos, imigrantes nordestinos e negros foram elementos que o projeto de “cidade moderna”, a princípio, foi incapaz de absorver.⁸

Belo Horizonte, ainda que preservando aspectos singulares da sua formação, não fugiu à tentativa de instituição de hábitos que fossem condizentes com o padrão civilizatório da modernidade; e neste sentido, os usos do tempo eram distintivos de um *status*, bem como se tornavam indicativos de pertencimento. Eric Hobsbawm, em *A Era dos Impérios* (1989, p. 245), aponta como um dos critérios identificáveis de um status burguês, ou de pertencimento a esta classe, a apropriação de uma atividade ociosa, especialmente a nova invenção, o esporte.

A ambigüidade estabelecida na tensa relação entre a modernidade e a tradição explicitava as diferentes percepções que este embate possibilitava. A passagem para um ritmo de vida social mais vertiginoso, veloz, incluía a aquisição de novos hábitos, que acabavam por influenciar a dinâmica social no seu cotidiano. O jornal “A Braza” trazia, em sua edição de novembro de

nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate.

⁸ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. Texto elaborado a partir de pesquisa elaborada para a disciplina Geografia da Cidade do Rio de Janeiro, em curso realizado no segundo semestre de 1997 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1904, uma nota que apontava o futebol como uma nova prática que ia se fortalecendo no dia-a-dia da cidade, afirmando que:

Vae-se em Bello Horizonte, com mais vigor, estabelecendo pela iniciativa de espíritos delicados e amigos da alegria, a união de idéas, o convívio risonho, e desapparecendo aquella indiferença que até bem pouco dominava entre nós. Uma nota commum, com os mesmos dizeres quase, de todos parte para um mesmo fim: - a folgança. Os moços – academicos, preparatorios, commerciantes e empregados publicos – como que de vez para sempre baniram o tal antagonismo tradicional existente entre si, com mais intensidade principalmente entre os ‘caixeiros’ e ‘estudantes’. Hoje todos formam uma só classe – a dos socios do foot-ball. Isto, em resultado, traz a camaradagem, o estreitamento das relações, assim tornando mais sociabilizada a vida.⁹

A associação de uma vida social mais intensa e pública (possibilitada no futebol) com um incremento das relações pessoais, acabava por legitimar o discurso do esporte como um elemento social desejável. Assim, jogar e assistir o futebol em Belo Horizonte se tornava, cada vez mais, um hábito incorporado socialmente, chegando a ser rotulado como a “mania do ‘foot-ball’”¹⁰.

O aparecimento do novo não se instituía sem provocar estranhamentos. Se jogar futebol era algo estranho e até mesmo difícil para boa parte das pessoas, o assistir ao jogo também não causava menos estranhezas. A crônica de Spiridiam¹¹ demarcava claramente esta percepção, narrando a sua impressão ao assistir a uma partida de futebol pela primeira vez:

[...] E a voz de Bicudo surpreendeu-me: - que estás aí a murmurar? Nada!? Pois eu ouvi ... avia-te e vamos assistir a partida de ‘foot-ball’: nunca vi tal cousa. – Nem eu, accrescentei. Quando chegamos ao chamado ‘campo’, fiquei sorpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando commentarios, interessados pelo jogo. Bicudo franziu os supercenhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas do joelho para baixo, calçados com spatões de turco, atiravam pontapés numa bola

⁹ A BRAZA. Belo Horizonte, p. 2, 13 nov. 1904.

¹⁰ A EPOCHA. Belo Horizonte, p. 2, 30 out.1904.

¹¹ Pseudônimo de um popular cronista da época, possuidor de um estilo provocativo e sarcástico.

que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um 'foot-baller' e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquilo tragico e comico ao mesmo tempo, e sem perceber, instinctamente repetiu o conceito de D. Quitéria: - Neste mundo ha cada uma... - Que até parecem duas -, acabei eu.¹²

A noção de divertimento perpassava intensamente o universo que circundava a prática do futebol. Na tentativa de consolidação do esporte, a presença de um público assistente representava algo fundamental. Assim, desde os primeiros movimentos, iniciativas para atrair as pessoas aos campos foram estabelecidas. E estas passavam necessariamente pela lógica da diversão. Em uma partida em que o combinado do *Club Athletico and Estrada Foot-Ball Club* enfrentou o *Sport Club Foot-Ball*, foi possível perceber a ocorrência de um tradicional hábito de divertimento da população associado ao movimento esportivo. Na nota do *Minas Geraes* lê-se:

É provavel haver amanhã, muita concurrencia de pessoas ao local da lucha, tanto mais que uma das bandas da Brigada Policial, obsequiosamente cedida pelo sr. dr. Chefe de Policia, tocará nas proximidades da raia do campo.¹³

A presença da Banda de Música demarcava o incremento da prática do futebol, dando ares de festa ao espaço freqüentado pelos *sportmen* e *sportwomen*. É notório, aliás, o caráter festivo, deliberadamente posto no fenômeno esportivo, como característica marcante da modernidade. Assistir às partidas de futebol significava a apropriação de um divertimento público, onde se podia ver e ser visto. Ainda que embrionariamente, o espetáculo esportivo começava a ganhar contornos que seriam cada vez mais estruturados, condicionados a uma nova ordem social e econômica¹⁴.

Como elemento constitutivo de um corpo de hábitos inseridos na lógica de modo de vida moderno, as práticas de divertimento se reconfiguravam na

¹² A EPOCHA. Belo Horizonte, 20 nov. 1904. Seção As Farpas, p. 2.

¹³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 01 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 3.

¹⁴ Victor Andrade de Melo aponta indícios importantes, que caracterizaram esse movimento no início do século XX. Para o autor, as vivências de lazer ganham um papel estratégico preponderante e se apresentam como marcas de um novo *modus vivendi*, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas.

passagem do século XIX para o XX. Como sinaliza Victor Melo (2007, p. 52), “[...] o desenvolvimento do campo esportivo no Brasil esteve relacionado com sua possibilidade de se constituir em uma diversão, em um país ainda carente de iniciativas nesse sentido”. Para o autor,

Nesse momento, notadamente nas maiores cidades brasileiras, no contexto da influência da *belle époque* no nosso país, gesta-se mais claramente os primórdios de um mercado de lazer e entretenimento, em uma sociedade que começava a valorizar as vivências públicas de divertimento. (MELO, 2007, p. 52).

A adequada ocupação do tempo não passou despercebida em Belo Horizonte. Era recorrente, aliás, o discurso que tecia críticas à “apatia da cidade modorrenta”, que não sabia se divertir, bem como o discurso incitador da festa, da valorização de práticas de divertimento. No jornal *A Epoca*, de cinco de novembro de 1905, foi possível encontrar uma interessante crônica, assinada por Lucio dos Alpes, tecendo críticas à tediosa capital mineira. A crônica, intitulada “A Cidade Morta”, pela sua riqueza de detalhes e pelo extravasar emotivo do cronista, ilustrava a sensibilidade refletida por parte dos moradores da cidade:

Nestes dias pardos e pesadamente tristonhos de Novembro, Bello Horizonte, pela atmospheria muda das ruas e largas avenidas, assemelha-se a uma cidade morta. Do céu alto parece desdobrar-se sobre ella um vasto manto de melancholia e de silencio, identificando todas as cousas na mesma tristeza. E esta Senhora entanguida, como uma velha de longo capote aos hombros, vae pousando a mão encarquilhada sobre as compromettedoras alegrias, que desaparecem como um não sei que de indizivelmente labil e fugaz. Pelas ruas estendem-se as duas alas funebres de arvores, farfalhando, agitadas pelo vento. E sempre o mesmo silencio, o fatal silencio acabrunhador, que nos pesa n’alma tediosamente... E Bello Horizonte se encolhe na modorrenta calma burocratica, sem uma festa que nos anime e nos distenda os nervos entorpecidos. [...] Com a chuva a escorrer de um céu negro vão transcorrendo os dias e as noutes na infindavel solidão desta cidade. Os poetas envolvem-se em suas scismas sonhando com orgias de luz a jorrar de um céu limpido e azul. Lá fora a chuva tamborila na janella e uma impressão mortuaria emana das largas avenidas silenciosas.¹⁵

¹⁵ ALPES, Lucio dos. A cidade morta. *A Epoca*. Belo Horizonte, p.2, 05 nov. 1905.

Por outro lado, no entanto, a cidade aparentemente tediosa regurgitava em festas e práticas de divertimento, ainda que contrariando e contrastando com a imagem estereotipada construída nos seus primeiros anos. A própria imprensa local, que ajudara a reforçar este estereótipo, também noticiava as diversões que habitavam a capital mineira. Em 1907, apenas dois anos após a crônica melancólica de Lucio dos Alpes, o *Diário de Notícias* trazia um texto consideravelmente mais animador, assinado por J. Antoine:

Bello Horizonte vibra! Março ainda não findou e já a cidade dá os últimos adeuses, despede-se jubilosamente dos tristonhos e enfarruscados mezes passados, e recebe, de braços abertos, alegre e faceira, o período triumphal das festas e dos “flirts” adoráveis. Corre pela cidade um fluido delicioso que a anima e a impelle para a alegria, para o riso, para a vida! As horizontinas estão radiantes! Garridamente já se preparam para a elegante “season”, discutindo com ardor qual a festa preferida, a mais “chic” e a mais elegante. Propagam-se pelos salões graciosas e interessantes discussões à respeito. As opiniões são variadas e divergentes. Mlle. X opina graciosamente pela supremacia incontestável das palestras litterarias, a mais fina e elegante das festas da presente estação. Mlle. Z, defensora acerrima do sport, acha que são um verdadeiro encanto as deliciosas corridas do Prado... Mlle... que sei eu? Os pareceres são innumerous, chegando Mlle. Y a afirmar, com ingenuidade infantil, que acha uma graça especial no suave e encantador phonographo do Acre... É questão do gosto.¹⁶

Esta crônica é a ilustração emblemática do que se convencionou chamar de um estilo de vida “smart”, peculiar expressão de quem incorporava o modo moderno de viver. Belo Horizonte já respirava ares de cidade moderna, e se ajustava, ainda que com seu ritmo próprio (e certamente mais lento do que as pessoas que a projetaram imaginavam), aos costumes do novo tempo. Esse “smartismo” incorporado por parte da população belo-horizontina fazia parte de um movimento que procurava promover a passagem de um tempo para outro, uma mudança de costumes. O historiador Nicolau Sevcenko (1992, p. 33) aponta indícios deste processo, ao afirmar que “o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está”.

Todo este conjunto, de práticas constituídas no movimento do espaço urbano e moderno da nova cidade, promovia uma reconfiguração permanente

¹⁶ ANTOINE, J. A Season. *Diário de Notícias*, Belo Horizonte, p. 2, 29 mar. 1907.

e conflituosa dos hábitos que viriam a ser efetivamente instituídos. Entre essas práticas, o esporte e o lazer ocupavam especial destaque. Belo Horizonte, na sua tentativa de tornar-se moderna, lançava mão, através do *smartismo*, de vivências bastante particulares. Neste sentido, uma das mais requeridas formas de ocupação do espaço de tempo, se localizava no “sport”. É a cidade moderna também a cidade esportiva, campo fértil para a ocorrência e desenvolvimento do futebol.

Pelos estudos realizados sobre o futebol na capital mineira, no início do século XX, dois momentos distintos da penetração desta prática no seio social podem ser vislumbrados. Um primeiro instante, em que o futebol se alastra rapidamente, com a adesão de grupos sociais privilegiados e com a tentativa de construção de uma prática restrita e distintiva. Esse período habitou os anos de 1904, 1905 e meados de 1906, sendo praticamente extinta em 1907. O ano de 1908 marcaria o retorno do futebol à cidade de Belo Horizonte, desta vez com uma menor euforia e com uma maior regularidade. Regularidade esta que fez com que o futebol só voltasse a ser uma prática mais popular nos primeiros anos da década de 1910¹⁷.

Nos periódicos investigados no primeiro momento do futebol em Belo Horizonte, não foi possível perceber nenhum comportamento que indicasse, por parte do público assistente, um vínculo afetivo com algum clube. Assim, o termo “assistência” era literalmente adequado aos frequentadores dos campos de futebol. Outro termo de similar significado, utilizado pelos jornais, é a chamada “concorrença”, ou ainda “concurrência”, como forma de designar as pessoas presentes às partidas de futebol. “Apreciadores”, “amadores” e “espectadores” também representavam, de forma menos recorrente, a platéia assistente.

Em um campeonato da cidade realizado em 1904, no jogo ocorrido entre os “teams” do Grupo Colombo e do Grupo Vespuccio, a nota indicava “os numerosos espectadores¹⁸ que concorreram a este match [...]”¹⁹; em uma outra oportunidade, a referência do jornal às pessoas que iriam ao jogo do

¹⁷ Sobre este movimento, a dissertação de Mestrado do historiador Raphael Rajão é bastante esclarecedora. Nela, o autor aprofunda as causas e os motivos dos períodos oscilatórios da inserção do futebol na Capital mineira, nos primeiros anos do século XX (cf. RIBEIRO, 2007).

¹⁸ Grifo nosso.

¹⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26 out. 1904. Seção Festas e diversões, p. 7.

Athletico Mineiro Foot-Ball Club foi assim feita: “É de presumir que haverá hoje grande concorrência²⁰ ao *Athletico-Mineiro Foot-ball*”²¹.

Assistir, concorrer, freqüentar, apreciar. Independentemente de como os jornais refletiam o público ao redor dos campos de futebol, fato é que as pessoas lá estavam, e em número cada vez maior. Quem eram esses sujeitos, e por quais motivos ocupavam aquele espaço? Ainda que os periódicos reverberassem as práticas sociais de um grupo distintivo, não seria equivocado inferir que o entorno dos campos de futebol se destinavam mesmo a uma assistência constituída pela família, pelas “senhoras e senhorinhas”, pelos *sportmen*, bem como, de forma crescente, pela classe política da Capital, intitulada de “mundo oficial”. Esse universo de atores representava o *high-life* belorizontino, tornado público através dos periódicos. Em um “match inter estadual de foot-ball”, realizado no Parque (espaço emblemático de práticas da elite), a nota do periódico apontava a presença de representantes da classe política mineira:

O bello festival correu animadissimo, tendo attrahido ao ground do “Sport Club Bello Horizonte” grande numero de famílias e cavalheiros da nossa melhor sociedade, entre os quaes os srs. dr. Bueno Brandão Filho, official de gabinete, e capitão Joviano de Mello, ajudante de ordens, interino da Presidencia, representando o exmo. sr. Bueno Brandão. A lucta travou se entre o “Sport Club de Bello Horizonte” e o “Riachuelo F. C.”, do Rio, que sahiu vencedor. Os bravos rapazes receberam innumerous applausos das pessoas presentes, mostrando se gratos pelas gentilezas que lhes foram dispensadas pela nossa sociedade.²²

Ao indicar a apropriação do esporte por uma elite local, é fundamental que situemos a concepção que possuímos sobre este grupo social. No particular caso de Belo Horizonte, este aspecto se torna ainda mais relevante, posto que a cidade foi erguida sob a perspectiva segregacionista do pensamento moderno, que instituía espaços próprios (e não convergentes) para a ocupação de indivíduos com posições sociais distintas, e obviamente, com práticas sociais singulares. Ainda assim, cabe o esclarecimento de que:

As elites são compreendidas não somente como os que detinham o poder econômico, mas também como a possibilidade de influenciar culturalmente o desen-

²⁰ Grifo nosso.

²¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 nov. 1904. Seção Festas e diversões, p. 6.

²² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 12-13 set. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.

volvimento da sociedade. [...] A história do esporte no Brasil confunde-se com seu relacionamento com as elites políticas e econômicas. [...] Assim, desde os primórdios os esportes apresentam algumas regularidades, entre elas o fato de ser uma prática que, mesmo popular, é conduzida por membros das elites, que nela percebem a possibilidade de obter lucros diretos e indiretos. (MELO, 2007, p. 59).

Após 1910, o futebol começava a apresentar mudanças, que iam desde o aumento da popularidade até a apropriação de algumas posturas diferenciadas, tanto dos “foot-ballers”²³ quanto da assistência. A fundação do “Yale Athletic Club”, em 1910, é emblemática deste momento. Representava, aos olhos da imprensa local, uma “sociedade formada dos melhores elementos sportivos desta Capital”²⁴. Embora formada, segundo a própria nota que anunciava a sua aparição, por um “numeroso grupo de rapazes, pertencentes na maioria ao operariado desta Capital”²⁵, o clube do Barro Preto seguiu a lógica de um grupo distintivo, mesmo com uma composição mais heterogênea do seu quadro social.

O Yale passava então a ser um agente promotor e difusor do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público. Convém lembrar que o futebol se destacava enquanto prática privilegiada, ainda que outras vivências esportivas se situassem como parte integrante do seu rol de atividades. Um jogo, em especial, refletia o novo momento do futebol em Belo Horizonte. Apresentado como “Um Grande Match de Foot-Ball”, a partida entre o Yale e o Morro Velho despertava grande interesse por parte do *Minas Geraes*, enfatizando na sua nota que:

Para maior brilhantismo da festa, o *ground* da avenida Paraopeba passou por notável transformação material, não só de terraplanagem, como em tudo mais que se tornava necessária para o conforto do grande publico alli esperado. Varios pavilhões e archibancadas foram contruidos, dando ao campo um aspecto novo, de local para diversões ao livre. [...] Conta com a presença do exmo. sr. Bueno Brandão, presidente do Estado, dos seus secretarios e do prefeito dr. Olyntho Meirelles, aos quaes o club mandou convidar por comissões especiais. [...]. A festa tem despertado extraordinario entusiasmo entre os “sportmen” daqui e de Morro

²³ Expressão utilizada na época para designar os jogadores de futebol.

²⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 07 ago. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.

²⁵ *Idem*.

Velho, de onde vêm inúmeras pessoas especialmente para assistir à lucta entre os dois clubs, cada qual com os seus partidários mais extremados²⁶, que fazem grandes apostas sobre o resultado do jogo.²⁷

O texto do periódico oficial do Estado traz uma série de conotações importantes quanto à ocorrência de práticas até então não percebidas, em relação principalmente ao público assistente. A preocupação com “melhorias materiais”, no intuito de maior comodidade ao “grande público esperado”, dava a ideia de outra valorização desta prática no começo da década de 1910. A compreensão do evento como uma “diversão ao ar livre” também indica a forte relação estabelecida do futebol como um fato social, público, possibilitado na concepção do divertimento.

Ressalta ainda a presença (cada vez mais comum) do “mundo oficial” da Capital, com a presença do presidente do Estado (Governador), do Prefeito de Belo Horizonte e de vários secretários. Ao final, o autor da nota aponta um fato marcante e central: ao dizer do grande entusiasmo das pessoas para com a “lucta”, ele destaca os “partidários mais extremados dos dois clubs”, uma clara referência ao surgimento de um sentimento mais intenso do sujeito para com os “teams”, chegando ao ponto de realizar “grandes apostas sobre o resultado do jogo”.

Essa popularidade que o futebol vinha conquistando trazia, para os grupos que até então detinham o seu controle, acontecimentos não previstos (e certamente não desejados). Nesse mesmo jogo entre Yale e Morro Velho, os ecos do acontecido expunham uma situação que bem demonstrava a força de expansão popular que o futebol adquirira. Ao narrar o evento, o periódico afirmava que “a festa despertou vivo interesse e sympathia em nosso meio, affluindo ao “ground” da avenida Paraopeba um publico tão numeroso como ainda não vimos em qualquer outra diversão realizada nesta Capital”²⁸.

Denotando a ideia de espetáculo (que também começava a nortear, mais intensamente, as festas esportivas do futebol), o entusiasmado jornalista mostra que “as archibancadas do campo, lindamente ornamentadas de escudos e bandeiras, estavam repletas de famílias e cavalheiros da nossa

²⁶ Grifo nosso. A expressão “partidários extremados” sugere a primeira conotação de um vínculo afetivo do público assistente para o clube, embora não indique nenhum comportamento diferenciado por parte dos assistentes.

²⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.

²⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

melhor sociedade”²⁹, e não se esquece, obviamente, de enfatizar: “assistiam, de camarotes especiais, o dr. Julio Bueno Brandão Filho e tenente-coronel Vieira Christo, representando o exmo. sr. Presidente do Estado, o dr. Olyntho Meirelles, prefeito da Capital e os representantes dos Secretários do Governo”³⁰. Todo este espetacularizado universo, aparentemente apropriado pela camada social da elite, começava também a receber a presença de outras pessoas, apontadas com menor evidência (e às vezes nem sequer evidenciadas). Como mostrava o jornal,

Notava-se ainda ao longo da avenida, fóra do recinto, uma grande aglomeração de populares, que acompanharam, cheios de entusiasmo, as peripecias da lucta, applaudindo, em delírio, os valentes “footballers”, a cada golpe de mestre vibrado por algum dos jogadores.³¹

A “aglomeração de populares” é o indício mais esclarecedor quanto à participação de pessoas não ligadas a grupos privilegiados, na assistência. Embora essa presença começasse a ser notada, o lugar destinado a ela não deixava de ser explicitada: “fóra do recinto”. Mesmo impedidos de entrar, “os de fora” não se eximiam de acompanhar “as peripécias da lucta” travadas nos “grounds de football” da cidade.

Sobre o fenômeno de apropriação de uma “vida esportiva” pelas camadas sociais, Sevckenko elabora um discurso que aponta as possíveis causas de tal processo. Nele, o autor afirma que:

A intensidade e a plethora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações, perspicácia, divertimento e gozo, além de transes profundos de expectativa, comunhão e euforia, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. [...] nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias. (SEVCENKO, 1992, p. 48).

Já ao final de 1911, o Yale ainda persistia em estabelecer um vínculo mais enraizado entre os habitantes da cidade e as práticas esportivas. Parecia conseguir. É o que mostra o jornal “O Estado de Minas”, ao descrever a

²⁹ *Idem.*

³⁰ *Idem.*

³¹ *Idem.*

partida entre o Yale e o America, da Capital Federal (o convite a “teams” de outros estados feito pelo Yale – principalmente os do Rio de Janeiro – evidenciava uma perspectiva de atração popular), a nota caracterizava a força social que o clube mineiro vinha alcançando. Assim, mesmo sob um mau tempo incessante, o *match* interestadual levou ao Prado Mineiro “um grande numero de senhoritas e cavalheiros”, que “não resistiram ao desejo de dirigir ao ‘ground’ do ‘Yale’ para assistir ao melhor ‘match’ desta temporada”.

O *Club Athletico Mineiro*, juntamente com o Yale, assumia uma importante função no desenvolvimento e na apropriação do futebol na cidade. Fundado em 1908, por estudantes e acadêmicos, o Athletico vai se consolidando ao longo dos anos, se distinguindo dos clubes efêmeros que marcaram a primeira fase do esporte na Capital. Uma importante demonstração do apelo popular emanado pelo clube pode ser percebida em 1912, quando o Athletico começava a sua fase de expansão. Em uma partida realizada contra o Gramberriense, da cidade de Juiz de Fora, a repercussão explicitada nos jornais não foi discreta, chegando a se descrever desta forma o embate esportivo:

Correu animadissimo o “match” hontem à tarde, travado entre o “Gramberriense” e o “Athletico”. Os destemidos “sportmen” do Grambery, reforçados no ataque e na defesa, arditos e calmos nos “passes”, tiveram varias vezes os applausos dos assistentes, entre os quaes figuravam distinctas familias da nossa alta sociedade e innumerous diletanti. [...]. O “match” despertou grande interesse entre os apreciadores do “foot-ball”, sendo assistido por mais de 1000 pessoas, que acompanharam, com vivo interesse, as varias peripecias da animadissima partida. Entre os presentes, vimos o sr. dr. Pedro Carlos da Silva, representando o sr. dr. Delfim Moreira, secretario do interior.³²

Um aspecto particularmente interessante é a presença do público feminino, desde as primeiras manifestações de ocorrência do futebol na cidade. Presença que, embora ao longo do tempo vá se reconfigurando, se mantém regular e constante. Na perspectiva de assistência, a mulher aparece como um elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva. Na partida realizada entre o “Estrada and Athletic Club” e o “Sport Club”, em 1905, a presença das senhoras no campo não passava sem a devida atenção:

³² MINAS Geraes. Belo Horizonte, 13-14 maio 1912. Seção Festas e diversões, p. 7.

O campo apresentava um aspecto garrido, todo circundado de galhardetes e bandeirolas. Que este genero de sport já se introduziu definitivamente entre nós, prova-o a grande concurrencia de espectadores, e principalmente de senhoras, que affluiram, ante-hontem, ao Campo Novo, emprestando, por alguns momentos, áquelle logar quase sempre ermo, o brilho das suas ricas *toilettes* e da sua graça.³³

A participação feminina na vida social começava a ganhar novos desenhos, no início do século XX, no Brasil. A inserção da mulher em espaços que a modernidade instaurava, possibilitou a sua emergência para a superfície de um amplo espectro de práticas. Assim,

O próprio contexto sociocultural da virada do século ampliou as possibilidades de participação social feminina. Os espaços de lazer, entre os quais os relacionados à prática esportiva, foram um dos responsáveis por essa maior presença das mulheres na vida social das cidades. [...] A participação feminina nas arquibancadas era muito valorizada e exaltada, até mesmo porque eram consideradas importantes para garantir o caráter familiar. As mulheres eram encaradas como torcedoras que embelezavam as competições. [...] As mulheres serviam para “enfeitar” o espetáculo. (MELO, 2007, p. 118-9).

Essa presença feminina nos campos horizontinos não parecia se diferenciar muito de outras importantes cidades. Como Capital da República à época, o Rio de Janeiro ditava os modos e costumes vigentes, e acabava por influenciar a recém-criada Capital mineira. Neste aspecto, o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000, p. 74) aponta, em seus estudos sobre o futebol no Rio de Janeiro, que “lotadas de cavalheiros e senhoritas com vestidos claros, as arquibancadas pareciam um salão de festas”.

Embora poucos registros imagéticos neste período possam ser encontrados, a revista “A Vida de Minas” publica uma foto, lendo-se no rodapé o seguinte texto: “Nota de reportagem – Sahindo do Prado Mineiro, depois do ultimo *match* de *football*” (Figura 1). No entorno do “ground” do Prado Mineiro, contrastando com a poeira advinda da falta de calçamento, as senhoras e senhorinhas desfilavam com elegância e pose, confirmando a presença feminina nas festas esportivas, notadamente nas partidas de futebol.

³³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 9-10 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 4.



NOTAS DE REPORTAGEM -- Saindo do Prado Mineiro, depois do último *match* de *foot-ball*

Figura 1: Revista “A Vida de Minas”, Belo Horizonte, 30 set. 1915. p. 21

O caráter *décor*, posto na funcionalidade da presença feminina aos jogos de futebol, tendia a permanecer à medida que a lógica da assistência, distanciada da paixão clubística, prevalecia nos “*matches* de *football*”.

Obviamente a mulher representava, assim como a banda de música, um atrativo atrelado à idéia do espetáculo esportivo, cada vez mais intensa, ainda na ausência do pertencimento clubístico. Uma clara associação destes elementos pode ser captada na seguinte nota:



Figura 2: O Bello Horizonte – 24 jul. 1915, p. 2

Do conteúdo da nota, duas considerações são pontuais. A primeira, diz do privilégio atribuído às mulheres, tendo a entrada franqueada. Clara iniciativa de atração, dos dois sexos. A segunda, evidenciando a forma espetacularizada, indica a cobrança de ingressos. A diversão esportiva agora é “consumida” pelo público espectador.

A cobrança de ingressos para os jogos de futebol aparece nas fontes, de forma mais explícita, em meados da década de 10. A primeira referência a esta prática, com discriminação de valores, é encontrada no periódico *Minas Geraes*, que destacava:

Realisa-se hoje, a 1/30 da tarde, o “match” de “foot-ball” em benefício das obras da matriz da Boa Viagem, havendo grande interesse para essa lucta, na qual tomam parte varios moços das principais familias e alumnos das escolas superiores. [...] O preço das entradas será o seguinte: geraes, 1\$000; archibancadas, 2\$000. Não haverá entradas de favor.³⁴

A título de comparação, 1\$000 seria valor suficiente para comprar uma dúzia de ovos, que à época custava \$800; com 2\$000, o valor para ingressar às archibancadas, o assistente poderia adquirir, com troco, um quilo de peixe, ao valor de 1\$400³⁵. Como se vê, a participação nas festas esportivas tinha um custo que nem todos poderiam arcar.

³⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 14-15 ago. 1916. Seção Festas e diversões, p. 7.

³⁵ Valores informados no periódico Minas Geraes, na Seção “Mercado de Bello Horizonte”, como “preços do dia 13 do corrente”. 15 de dezembro, 1917, p.6.

Além de destacar os valores cobrados, a nota indicava, também pela primeira vez, a divisão de lugares no “ground”. As geraes, mais baratas, determinavam os lugares menos privilegiados, com a assistência permanecendo em pé todo o tempo. Diferentemente, as arquibancadas representavam os lugares mais cômodos, onde as pessoas podiam assistir às partidas sentadas, sob a sombra de uma cobertura.

O espetáculo esportivo vai se consolidando como experiência da modernidade. Diversão pública, consumo, exposição. Todos estes aspectos se potencializavam quando a competição esportiva assumia maior valorização. Foi a competição exacerbada, aliás, que começou a redimensionar os valores e os modos de viver do divertimento esportivo. Para Guy Debord (1997, p. 13), que discute a formação de uma *sociedade do espetáculo*,

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.

Belo Horizonte já começava a construir suas representações particulares. A dinâmica da cidade se configurava a partir das imagens de um espaço onde o “novo” se instaurava, ainda que lentamente e não sem o enfrentamento de resistências. O convívio público possibilitava a exposição necessária à efetivação de uma identidade moderna. Para isto, a diversão vivenciada sob a égide do espetáculo (onde o visual e o imagético imperavam) se apresentava como um importante caminho a ser trilhado. Caminho percorrido pelo futebol na sua tentativa de consolidação no espaço da cidade.

Em 1914 foi instituído o campeonato “Taça Bueno Brandão”, disputado entre os primeiros times do Athletico, do Yale e do America. Embora a organização da disputa coubesse aos próprios sócios dos clubes participantes, este torneio se tornou um marco impulsionador para a criação de uma Liga de futebol da cidade. A fundação de uma Liga representativa demonstrava a necessidade de uma outra lógica de organização, de uma nova exigência para gerenciar a idéia do espetáculo. A Revista Vita publicizou assim os flagrantes da assistência presente à disputa da “Taça Bueno Brandão”:



Figura 3: Revista “Vita”, a. 1, n. 15, 26 jul. 1914.



Figura 4: Idem

As imagens reforçam o discurso da assistência polida, fidalga até, que se comportava segundo os padrões exigidos pela ética burguesa. Os modos de vestir, os gestos e as falas deveriam refletir o *modus vivendi* da modernidade. Para o historiador Marcos Guterman (2009, p. 24), a assistência de futebol no Brasil era “muito bem educada, como se podia esperar em se tratando de um esporte alimentado por gente rica”. A tradução das imagens se dá nos textos jornalísticos dos periódicos da época, que já reservavam espaços mais consideráveis para noticiar os jogos. Em disputa da “Taça Bueno Brandão”, o *Minas Geraes* (que dentro da seção Festas e Diversões já criara um subtítulo denominado “Notas Sportivas”), entusiasticamente trazia a seguinte nota:

Só quem foi assistir ao “match de foot-ball”, que se realizou, domingo, entre o “Athletico” e o “America”, pôde aquilatar a influencia que, actualmente, vai exercendo o “sport” entre nós. As archibancadas do Prado Mineiro, absolutamente repletas, apresentavam um magnífico aspect. Exmas. famílias, muitas senhoras e senhorinhas representavam, alli, o que a nossa alta sociedade possui de mais distincto e selecto. [...]. É indescriptível o enthusiasmo dos assistentes, ante este brilhante acto de Aristides.³⁶

A realização de campeonatos do vulto da “Taça Bueno Brandão” iria gestar uma nova concepção de público assistente que, motivado pelas disputas acirradas dos clubes pelo título de campeão, começava a construir um sentimento de afeição pelos times. Embora ainda estivessem distantes

³⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 27-28 jul. 1914. Seção Festas e diversões – Notas Sportivas, p. 12. Obs: Este “brilhante acto” representa um gol marcado.

de se comportarem como torcedores apaixonados, a assistência passava a nutrir uma admiração e uma preferência por um dos clubes, criando uma identificação entre o sujeito e a instituição esportiva.

As referências identitárias às pessoas que assistiam aos jogos permaneciam as mesmas, mas passaram a ganhar a companhia de outros termos. Prova disso está na nota seguinte, também relacionada a uma das partidas da “Taça Bueno Brandão”:

Realiza-se hoje, no “ground” do Prado Mineiro, um “match” de “foot-ball”, entre o “Athletico” e o “America”. Tendo em vista as condições em que se acham estes valorosos adversarios, o “match” de hoje reveste-se de caracter decisivo para o campeonato aberto para a disputa da taça “Bueno Brandão”, e, portanto, há de, sem duvida, levar ao Prado Mineiro uma extraordinaria affluencia de admiradores³⁷ dos dois contendores.³⁸

O termo “admiradores” cunhava uma nova possibilidade de frequentar os campos de futebol. Não se ia mais apenas para assistir, ou para compor um cenário social de distinção e pertencimento. Para além destas características, ia-se ao campo agora também para admirar um determinado time de futebol. Este comportamento inaugurava o que pretendo denominar de “momento de transição entre a assistência e o torcer”, onde a passagem de uma etapa para a outra começava a ser construída.

O corte definidor de uma nova etapa da cultura esportiva se dá em 1915, com a criação da Liga Mineira de Sports Athleticos. A entidade cria as bases para um novo modo de apropriação das práticas atléticas, estabelecendo parâmetros palpáveis para o desenvolvimento mais acentuado do esporte na cidade de Belo Horizonte. Neste sentido, vale ressaltar que:

Formada por pessoas influentes, a *Liga Mineira de Sports Athleticos* foi um grande passo na institucionalização do esporte que assumia cada vez mais a sua característica moderna, pois a partir daí o que se pode observar na cidade são atletas agrupados em sociedades ou clubes, cujos dirigentes eram eleitos por eles, e a presença da Liga regional composta de membros eleitos pelo clube, que instituiu um calendário com encontros planejados, institucionalizando, assim, as competições, que deveriam ser democraticamente organizadas. (RODRIGUES, 2006, p. 261).

³⁷ Grifo nosso.

³⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26 jul. 1914. Seção Festas e diversões – Notas Sportivas, p. 11.

A partir de 1915, com a vida esportiva da cidade impulsionada pela criação da Liga Mineira de Sports Athleticos, o futebol era alçado à popularidade absoluta. Ainda que outras modalidades merecessem breves comentários nos periódicos, é de fato o futebol que absorvia a quase totalidade das notas referentes ao mundo esportivo da Capital. Pistas deixadas pelos periódicos corroboram essa efervescência do futebol na cidade, já anunciado como uma prática de divertimento predileta. Ao informar sobre a realização de uma partida entre o America Foot-Ball Club e o Morro Velho Athletic Club, o cronista não escondia a enorme expectativa projetada no evento:

Esta notícia constituirá, por certo, motivo de grande regosijo para os amantes do emocionante “sport”, que já tem lugar de preferencia entre as festas ao ar livre. Por isso, as archibancadas do Prado, onde provavelmente se realizará a partida, serão pequenas para conter a assistência que é para se esperar.³⁹

Assim, o primeiro campeonato de futebol de Belo Horizonte, organizado sob os auspícios de uma Liga representativa, concentra e atrai a atenção de grande parte da população belorizontina. Neste campeonato ocorre o movimento mais contundente da passagem de uma assistência onde a paixão clubística era menos evidente, para a construção de um sentimento arraigado por um clube, onde a idéia (e a palavra) de torcedor(a) começavam a se forjar, de maneira mais consistente. O aumento da popularidade (a assistência já não era mais restrita a grupos distintos), e o incremento da rivalidade e da competição favoreciam a constituição do ethos de torcedor. Embora essa passagem ocorra de forma lenta, alguns indícios apontavam na direção desse fenômeno.

A realização de partidas onde os combinados de um outro Estado enfrentavam a esquadra mineira acabava por realçar o sentimento de pertencimento nos habitantes da cidade. Tida como a principal praça esportiva do país, o Rio de Janeiro se apresentava como o mais importante “rival” dos mineiros, e gestava um sentimento que extrapolava os limites anteriormente construídos nos embates esportivos da Capital, inaugurando a ocorrência de condutas desviantes. Ainda que sutilmente, estes comportamentos podem ser captados em algumas notas dos periódicos.

Na partida entre o “scratch horizontino” e o “scratch carioca”, em 1914, que contou “com a presença de um grande numero de cavalheiros e de familias de nossa sociedade, e à qual compareceram também todos os

³⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 out. 1915. Seção Festas e diversões, p13.

amadores do ‘foot-ball’, residentes nesta Capital”, a assistência agiu como o esperado (e desejado), ao aplaudir “ruidosa e entusiasticamente os ‘players’ cariocas”; porém, a mesma assistência não titubeou em se manifestar a favor do “seu” *scratch* favorito, “protestando também algumas vezes contra o procedimento do juiz”⁴⁰. Das pequenas vaia para algo maior não tardaria. Quando a reportagem do jornal “O Bello Horizonte”, estampou em letras maiúsculas o título “Um grande escândalo no Prado Mineiro – Um jogador apedrejado e vaiado – O sr. Moacir Chagas escoltado por quatro soldados do esquadrão”, inaugurou-se um comportamento do público assistente até então inexistente (e impensável, dentro da lógica do modelo fidalgo e burguês de se portar). Um trecho da nota relatava:

Deu-se hontem no Prado Mineiro, por ocasião do “match” alli realizado, um grande escândalo, provocado por um “sportmans”. [...] No descanso, o sr. Moacyr, tendo forte altercação com um dos seus adversarios de jogo, deu-lhe uns pescoções, estabelecendo entre ambos um grande escândalo, sendo necessaria a intervenção de populares. Os espectadores indignaram-se com o procedimento desse moço e vaiaram-no. Ao terminar o jogo os assistentes do “match” quiseram apedrejal-o, no que a policia não consentiu. Acompanhou-o pois, até a sua residencia uma escolta de cavallaria, composta de quatro soldados.⁴¹

A referência dada ao ocorrido como um “grande escândalo”, bem demonstra o quanto se recriminava os comportamentos que desrespeitavam os códigos de conduta moralmente adequados da época. Esses comportamentos desviantes vão permear, de forma cada vez mais constante e intensa, o universo do futebol na Capital, sendo objeto de maior atenção no próximo capítulo.

Um outro importante indício encontra-se na aparição do termo “torcida”⁴², nos periódicos. A primeira referência encontrada, que utilizou

⁴⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte. 21 out. 1914. Seção Festa e Diversões, p. 5.

⁴¹ O BELLO Horizonte. Belo Horizonte, p. 2, 02 ago. 1915.

⁴² Não foram encontradas fontes comprobatórias sobre a origem do sentido da palavra “torcida” para designar um grupo de pessoas com identificação afetiva a um determinado clube. No entanto, algumas versões puderam ser identificadas. Dentre elas, duas se destacam. Uma, assim explicada pelo jornalista Luiz Mendes, em uma entrevista publicada no periódico *Memória da Imprensa Carioca*: “No começo do futebol, ir ao estádio era um ato de elegância, principalmente, no Fluminense. Por isso o Fluminense até hoje tem essa fama de clube aristocrático. As mulheres se enfeitavam como se fosse ao Grande Prêmio Brasil, colocavam vestidos de alta costura, chapéus, luvas. Mesmo que a temperatura na cidade estivesse por volta dos

esta nova palavra para designar o público espectador dos jogos de futebol, foi encontrada no *Minas Geraes*, em setembro de 1915. Ao anunciar o encontro entre os “teams” do Athletico e do Yale, o jornalista lança mão do termo *torcida*, no intuito de caracterizar os grupos de espectadores com predileção por uma das equipes disputantes. Na íntegra, o texto da nota narrava:

O “field” do prado Mineiro, domingo, será, certamente, pequeno, para conter o numero consideravel dos que apreciam as boas partidas do “association”. Batem-se os “teams” do Athletico e do “Yale”, os dois mais fortes concorrentes do presente campeonato. Dadas as condições de “treno” em que se acham as “équipes” dos dois “clubs”, impossivel será fazer-se um prognostico. Sera, pois, uma bella tarde, proporcionada aos amantes do violento “sport”, pelo que, certamente, concorrerão as “torcidas” dos dois clubs, ao bello “ground” do Prado Mineiro.⁴³

Um fato interessante está no estranhamento do termo *torcida*. Percebe-se, no texto, várias palavras entre aspas. Estas, com exceção do termo *torcida*, são assim marcadas por representarem um estrangeirismo, notadamente termos ingleses usados no universo do futebol no período. A aspa posta na palavra *torcida* significava que a mesma, por não pertencer ao vocabulário usual das pessoas, deveria então vir destacada como forma de demarcar o novo, o desconhecido.

40º de temperatura, elas iam de luvas. Como o calor era muito grande, elas tiravam as luvas e ficavam com as luvas nas mãos, e como ficavam nervosas com o jogo, elas as torciam ansiosamente. Os homens usavam a palheta, um chapéu de palha muito comum na época, muito elegante e também ficavam com o chapéu na mão enquanto torciam. O Coelho Neto, que além de poeta e cronista era pai de dois jogadores do Fluminense escreveu uma crônica em que ele usava a expressão ‘as torcedoras’, referindo-se às mulheres e dali a expressão pegou e nasceu a *torcida*”. Uma outra versão, corroborada pelo historiador brasileiro Nicolau Sevcenko, aponta para o significado do termo *torcida* pela torção corporal que o sujeito apaixonado realiza ao acompanhar os lances de uma partida do seu time. No entanto, não há uma referência precisa de *quando* o termo passa a ser incorporado pelos sujeitos sociais. Porém, a palavra “torcida” tem aplicação genuinamente brasileira. Não existe, em nenhum outro país, um termo que tenha similaridade semântica ao ato de torcer por um clube. Em Portugal, os torcedores são identificados como “adeptos”, termo ligado à religiosidade. Na Espanha, a palavra “hincha” corresponde às pessoas que se “inflam” de paixão por uma equipe. Em inglês, os fanáticos (*fans*) ou os sujeitos que dão apoio a um time (*supporters*) é que definem o termo análogo ao torcedor brasileiro.

⁴³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 set. 1915. Seção Festas e diversões (Campeonato de Foot-Ball), p.6.

A ideia de “torcer” começava então a se configurar à medida que a identificação com os clubes aumentava, principalmente nas disputas em campeonatos que se organizavam cada vez mais sistematicamente. Um destes importantes clubes, que contribuiu para o desenvolvimento desta nova lógica, é o America Foot-Ball Club. Fundado em 1912, o America surgiu como um clube de garotos aristocráticos, e rapidamente se inseriu na vida esportiva da Capital. Juntamente com o Yale e o Athletico, adquiria o título de “time grande”, e começava a construir a história dos confrontos que desembocariam na dimensão rival entre eles.

A gênese da rivalidade (que inaugura a lógica do pertencimento) se dá centralmente pelos embates travados entre estes dois clubes, que além de contar com uma maior penetração social na cidade, naquele momento, se encontravam fortemente atrelados a grupos sociais elitistas, que os dirigiam. Neste sentido, a lúcida contribuição do historiador Raphael Rajão Ribeiro (2007, p. 84) reforça a ocorrência desta dinâmica, ao afirmar que:

O desenrolar dos campeonatos aprofundou o antagonismo entre alguns clubes de Belo Horizonte, especialmente entre o *Athletico*, campeão de 1915, e o *América*, a quem coube a vitória em 1916 e 1917. [...] Tal situação evidenciava as ambigüidades entre a busca de uma conduta social pautada em referenciais de racionalidade e impessoalidade e a constituição da paixão em torno do futebol.

O Diário de Minas, sobre a disputa do campeonato de 1915, amalgamava a idéia de formação do sentimento de torcedor (a), ao estampar a nota redigida por Arthpin:

Actualmente Bello Horizonte já possui vida sportiva e ora a derrota do Athletico, inflingida pelo Christovam Colombo, embora notavel mas resistente, ora a do America imposta por aquelle club, sacode a fibra ao mais fleugmático torcedor dos clubs que degladiam no presente campeonato.⁴⁴

Apesar de possuir elementos identificadores do torcer, este período sugere um marco transitório. Concomitante ao aparecimento de condutas desviantes, de termos próprios e da afeição pelos clubes, ainda é possível captar, em 1915, um cenário bastante próximo ao de anos anteriores, quando a assistência elitizada e distintiva era preponderante. O encontro do Athletico Mineiro, da Capital, com o Grambery, da cidade de Juiz de Fora, é bastante

⁴⁴ DIÁRIO de Minas. Belo Horizonte, 08 out. 1915, p.2.

representativo desta lógica. Na imprensa, esse embate esportivo foi assim apresentado:

Conforme estava anunciado, realizou-se ante-hontem, no “ground” do Prado Mineiro, o “match” de “foot-ball”, entre as “equipes” do “Athletico Mineiro” e a do “Sport Club Gramberyense”, de Juiz de Fora. Foi um dos encontros mais concorridos a que temos assistido nesta capital, calculando-se, sem exaggero, em cerca de mil pessoas que presenciaram o jogo, sobressahindo-se inumeras senhoras e senhorinhas da nossa elite. [...] ⁴⁵

As evidências da popularidade (“cerca de mil pessoas” – Belo Horizonte ainda não atingira 40.000 habitantes em 1915) conviviam com as demonstrações de um divertimento ainda restrito (“senhoras e senhorinhas da nossa elite”).

Os indícios demonstraram, neste período, um movimento oscilatório de inserção do futebol na cidade de Belo Horizonte, e conseqüentemente, da constituição das torcidas. Passando por uma fase marcadamente caracterizada pela assistência elitizada e sem demonstrações explícitas de afeto pelos clubes de futebol, na segunda metade da década de 1900, até o surgimento de pequenas e significativas mudanças no modo de se portar nas arquibancadas, na primeira metade da década seguinte, os textos da imprensa belo-horizontina refletiam a incontestável presença da nova prática social na rotina de parte dos moradores da cidade de Belo Horizonte.

Artigo recebido em 4 de agosto de 2010.

Aprovado em 22 de outubro de 2010.

REFERÊNCIAS

A BRAZA. Belo Horizonte, p. 2, 13 nov. 1904.

A EPOCHA. Belo Horizonte, p. 2, 30 out.1904.

_____. Belo Horizonte, 20 nov. 1904. Seção As Farpas, p. 2.

ALMEIDA, Martins de. Sobre Belo Horizonte. *A Noite*, p. 3, 08 out. 1926.

ALPES, Lucio dos. A Cidade Morta. *A Epocha*. Belo Horizonte, p.2, 05 nov. 1905.

ANTOINE, J. A Season. *Diário de Notícias*, Belo Horizonte, p. 2, 29 mar. 1907.

⁴⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09 set. 1915. Seção Festas e diversões (Sports), p.6.

- BARROS, José Márcio. Cidade e identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina (Org.). *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas/Autêntica, 2001.
- CAMPOS, Paulo Mendes. Os tempos Olímpicos. In: _____. *Homenzinho na ventania*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIÁRIO de Minas. Belo Horizonte, 08 out. 1915, p.2.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 49-118.
- MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.
- MINAS Geraes. Belo Horizonte, 26 out. 1904. Seção Festas e diversões, p. 7.
- _____. Seção Festas e Diversões, p. 3 – 27 out. 1904.
- _____. Belo Horizonte, 24 nov. 1904. Seção Festas e diversões, p. 6.
- _____. Belo Horizonte, 01 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 3.
- _____. Belo Horizonte, 9-10 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 4.
- _____. Belo Horizonte, 07 ago. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.
- _____. Belo Horizonte, 12-13 set. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.
- _____. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.
- _____. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.
- _____. Belo Horizonte, 13-14 maio 1912. Seção Festas e diversões, p. 7.
- _____. Belo Horizonte, 26 jul. 1914. Seção Festas e diversões – Notas Sportivas, p. 11.
- _____. Belo Horizonte, 27-28 jul. 1914. Seção Festas e diversões – Notas Sportivas, p. 12.
- _____. Belo Horizonte. 21 out. 1914. Seção Festa e Diversões, p. 5.
- _____. Belo Horizonte, 09 set. 1915. Seção Festas e diversões (Sports), p.6.
- _____. Belo Horizonte, 24 set. 1915. Seção Festas e diversões (Campeonato de Foot-Ball), p.6.

_____. Belo Horizonte, 24 out. 1915. Seção Festas e diversões, p13.

_____. Belo Horizonte, 14-15 ago. 1916. Seção Festas e diversões, p. 7.

O BELLO Horizonte. Belo Horizonte, p. 2, 02 ago. 1915.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SPORT Club. *Minas Geraes*. Belo Horizonte, p. 6, 04 out. 1904.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.